EDIÇÃO 011 : JUNHO DE 2026 • DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

@auge_ifractal

NEWSLETTER

AUGE



O direito de envelhecer com orgulho

ENTREVISTA

Bibiana Graeff

Há espaço para a diversidade nas ILPI?

COLUNA: LONGEVIDADE

Ricardo Mucci

A invisibilidade da velhice LGBTQIA+.

COLUNA: SAÚDE

Diego Felix Miguel

O impacto da falsa neutralidade na saúde LGBTQIA+.

COLUNA: EXPERIÊNCIA

Fernando Adas

Caminhando contra o vento, com lenço e com documento.

COLUNA: ENVELHECIMENTO

Henrique Salmazo

Envelhecimento LGBTQIA+, saúde e orgulho.

CAMPANHA: SOLIDARIEDADE

Luís Baron

As violências invisíveis contra pessoas idosas LGBT+.

ÍNDICE DE NAVEGAÇÃO



Toque ou clique sobre a seção desejada para ir direto ao conteúdo.

Capa

Gerada com auxílio de IA, a imagem da capa retrata uma mulher idosa confeccionando, em crochê, uma grande bandeira do orgulho LGBTQIA+. A cena une tradição e diversidade, mostrando que o envelhecimento também pode ser um espaço de expressão, acolhimento e protagonismo social.
A composição simboliza o entrelaçamento de histórias, identidades e gerações.
Cada ponto do crochê representa um gesto de cuidado e pertencimento, reforçando que inclusão e respeito são construídos coletivamente.
Mais do que uma atividade manual, o crochê torna-se uma metáfora para a criação de uma sociedade mais diversa, onde diferentes experiências de vida se conectam em uma única trama de afeto, memória e orgulho.

EDITORIAL

Caio Carraro Gomes da Costa
Quais bandeiras você hasteia?

MATÉRIA DE CAPA

Sabrina Aparecida
O direito de envelhecer com orgulho.

ENTREVISTA

Bibiana Graeff
Há espaço para a diversidade nas ILPI?

COLUNA: LONGEVIDADE

Ricardo Mucci
A invisibilidade da velhice LGBTQIA+.

COLUNA: SAÚDE

Diego Felix Miguel
O limbo do cuidado: o impacto da falsa neutralidade na saúde LGBTQIA+.

COLUNA: EXPERIÊNCIA

Fernando Adas
Caminhando contra o vento, com lenço e com documento.

COLUNA: ENVELHECIMENTO

Henrique Salmazo
Projeto vivacidade: envelhecimento LGBTQIA+, saúde e orgulho.

COLUNA: SOLIDARIEDADE

Luís Baron
Quando o silêncio também envelhece: as violências invisíveis contra pessoas idosas LGBT+

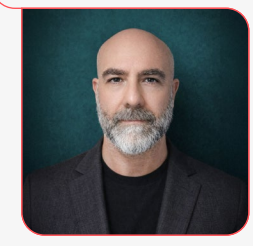
RECOMENDAÇÃO: INICIATIVAS

Sabrina Aparecida
O alimento da alma.

DICA: MINISSÉRIE

Sabrina Aparecida
LGBT+60: corpos que resistem.

EDITORIAL



Caio Carraro
EDITOR-CHEFE

Quais bandeiras você hasteia?

Junho foi um mês para celebrar, mas, acima de tudo, para lembrar. Ao resgatar a história da Revolta de Stonewall em 1969 e ao ver a Avenida Paulista se encher de cores na Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo, somos provocados a refletir: quem realmente tem o direito de envelhecer com dignidade no Brasil?

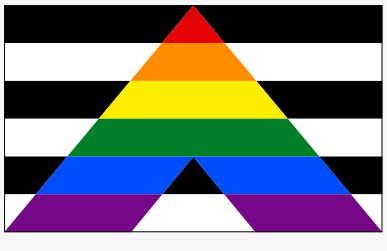
Sabemos que envelhecer é um processo heterogêneo. Mas para a população LGBTQIA+, essa jornada muitas vezes vem com uma "dupla invisibilidade": o peso da idade somado ao preconceito contra sua orientação sexual ou identidade de gênero. Se para gays e lésbicas idosos a maturidade ainda exige quebrar o isolamento, para pessoas trans e travestis, o simples fato de envelhecer é uma vitória contra uma estatística cruel, a de um país onde a expectativa de vida média para esse grupo é de apenas 35 anos. Projetos como a pesquisa "Traviarcas", da ANTRA e o Projeto de Lei 2670/2025, a Lei Sissy Kelly, da deputada federal Duda Salabert, são essenciais para dar voz às experiências de pessoas trans idosas e fortalecer a luta por uma velhice mais digna e inclusiva, bem como criar políticas de proteção e inclusão para idosos LGBTQIA+ que garantam direitos de moradia, saúde e combate à discriminação.

Essa luta constante por dignidade teve um momento marcante nesse mês de junho. A decisão histórica da justiça de São Paulo que deu à deputada federal Erika Hilton o direito de resposta no SBT, contra as ofensas do apresentador Ratinho, mostra que o embate vai muito além dos tribunais. É o choque de duas gerações, de duas formas de ver o mundo. De um lado, um discurso tacanho e odioso, escondido atrás de "opinião política". Do outro, a legítima defesa da dignidade humana.

Esses exemplos nos lembram que combater a discriminação é tarefa de todos. Pessoas heterossexuais e cisgêneras precisam ir além de não reproduzir preconceitos. É preciso agir ativamente na defesa dos direitos LGBTQIA+, denunciando a discriminação e não se calando diante da homofobia e da transfobia.

Que as páginas desta edição tragam o acolhimento necessário e as informações cruciais para desmistificar o senso comum em prol de uma sociedade onde todos possam florescer e envelhecer com orgulho.

Boa leitura! ■



Bandeira dos aliados da causa LGBT+

A bandeira dos aliados da causa LGBTQIA+ representa pessoas que, mesmo não pertencendo à comunidade, apoiam a luta por igualdade, respeito e direitos.

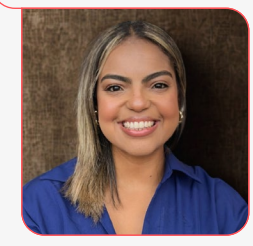
Ela surgiu como um símbolo de solidariedade de familiares, amigos e apoiadores da causa.

Seu design combina listras pretas e brancas, associadas à heterossexualidade, com a letra "A" colorida nas cores do arco-íris, simbolizando a união entre aliados e a comunidade LGBTQIA+.

Atualmente, a bandeira é utilizada para demonstrar apoio à diversidade, à inclusão e ao combate ao preconceito.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida
GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP

O direito de envelhecer com orgulho.

Era a madrugada do dia 28 de junho de 1969 quando policiais invadiram o Stonewall Inn, um bar no bairro de Greenwich Village, em Nova York. A cena se repetia com frequência: o Stonewall era um dos poucos lugares onde pessoas LGBTQIA+ podiam se reunir, e justamente por isso era alvo constante de operações policiais violentas e humilhantes. Gays, lésbicas, drag queens e pessoas trans eram presas rotineiramente, muitas vezes sem cometer crime algum, apenas por serem quem eram.

Mas naquela noite, algo diferente aconteceu. Os frequentadores resistiram. Cansados de anos de opressão, reagiram à abordagem policial e desencadearam dias de protestos nas ruas ao redor do bar. Entre as figuras centrais da rebelião estavam mulheres trans negras, como a ativista Marsha P. Johnson, uma lembrança importante de que, desde o início, as pessoas mais vulnerabilizadas estavam na linha de frente da luta.

A Revolta de Stonewall, como ficou conhecida, é considerada o marco do movimento moderno de direitos LGBTQIA+. Um ano depois, em 28 de junho de 1970, milhares de pessoas tomaram as ruas de Nova York na primeira Marcha do Orgulho, a precursora das paradas que hoje acontecem no mundo inteiro. No Brasil, a primeira parada ocorreu em São Paulo, em 1997, e a cidade hoje sedia o maior evento do tipo no mundo.

Junho, portanto, não é apenas um mês temático. É uma homenagem a uma noite em que pessoas decidiram que não iriam mais se esconder. É memória, é política, é celebração e é, acima de tudo, um ato coletivo de dizer: existimos.

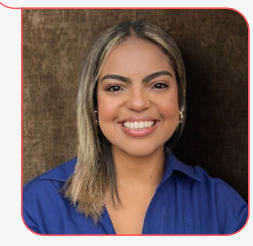
Sexo, gênero e orientação sexual: afinal, qual é a diferença?

Sexo biológico

Diz respeito às características físicas com que nascemos: cromossomos, genitália, hormônios. É o que o médico anota na certidão de nascimento.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida
GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP

O direito de envelhecer com orgulho.

Identidade de gênero

Como cada pessoa se percebe internamente, se reconhece como mulher, como homem, como não-binária (ou seja, fora dessas duas categorias) ou de outra forma. Ela pode coincidir com o sexo biológico, nesse caso, a pessoa é chamada de cisgênera, ou não coincidir, sendo então chamada de transgênera.

Orientação sexual

É por quem nos apaixonamos, por quem sentimos atração emocional, romântica e/ou sexual.

O que significa cada letra da sigla LGBTQIA+?

Para muitas pessoas, a sigla ainda pode parecer complexa à primeira vista. No entanto, compreender seu significado é um importante exercício de respeito e inclusão. Cada letra representa grupos com identidades, vivências e trajetórias distintas, veja:

L

Lésbica: Mulheres que sentem atração emocional, romântica ou sexual por outras mulheres.

G

Gay: Termo geralmente usado para homens atraídos por outros homens, mas também pode ser usado por lésbicas.

B

Bissexual: Indivíduos que se sentem atraídos por mais de um gênero.

T

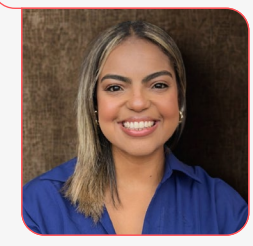
Transgênero: Pessoas que se identificam com um gênero diferente do seu nascimento.

Q

Queer: É um termo guarda-chuva para quem não se identifica com os padrões de heterossexualidade ou gênero binário, propondo novas formas de interação.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida
GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP

O direito de envelhecer com orgulho.

I

Intersexo: Refere-se a pessoas que nascem com características físicas relacionadas ao sexo biológico — como genitais, hormônios ou cromossomos — que não correspondem totalmente aos padrões tradicionalmente definidos como masculinos ou femininos.

A

Assexual: é uma orientação sexual caracterizada pela falta total ou parcial de atração sexual por outras pessoas.

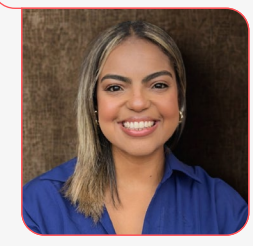
+

É uma forma de reconhecer todas as outras identidades e orientações que não estão explicitamente representadas nas letras anteriores.

Uma forma simples de lembrar:

O sexo é o que está no corpo, o gênero é o que está na identidade e, a orientação é para quem o coração aponta.





Sabrina Aparecida
GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP

O direito de envelhecer com orgulho.

Uma geração que resistiu para chegar até aqui

Imagine ter 70 anos hoje. Significa ter nascido por volta de 1955. Ter vivido a ditadura militar no Brasil, quando a repressão sobre corpos dissidentes, ou seja corpos fora do "padrão" era brutal e cotidiana.

Ter chegado à fase adulta em plena epidemia de HIV/AIDS nos anos 1980, quando ser gay muitas vezes era sinônimo de sentença de morte, e de silêncio forçado. Ter passado décadas inteiras escondendo quem se era: na família, no trabalho, no consultório médico. As pessoas LGBTQIA+ com mais de 60 anos envelheceram, para além disso, elas sobreviveram a contextos que tentaram de muitas formas, apagá-las.

Você sabia?

A homossexualidade só foi retirada da lista de doenças mentais da Organização Mundial da Saúde em 1990, e a transexualidade deixou de ser classificada como transtorno mental apenas em 2018.

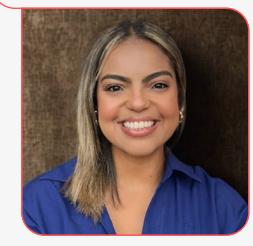
Isso significa que boa parte dessa geração viveu décadas sendo tratada como "doente" pelo próprio sistema. Essa geração carrega um repertório de resiliência que a gerontologia ainda está aprendendo a reconhecer. Muitos desenvolveram redes de apoio fora do núcleo familiar tradicional, as chamadas "famílias escolhidas": grupos de amigos e companheiros que substituíram, ou complementaram, os laços de sangue que nem sempre acolheram suas identidades. Aprenderam a criar comunidades onde não existia, e a construir pertencimento onde não os cabiam.

O que a velhice LGBTQIA+ tem de específico

Envelhecer não é simples, e isso nós já sabemos. É um processo complexo, que envolve mudanças no corpo, no cérebro e nos

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida
GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP

O direito de envelhecer com orgulho.

papéis sociais. Mas envelhecer sendo LGBTQIA+ acrescenta camadas de experiência que também precisam ser reconhecidas e nomeadas.

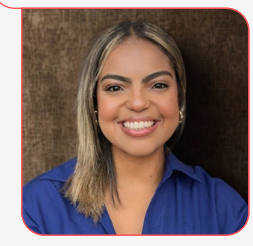
A primeira delas é o que os pesquisadores chamam de dupla minoria: a pessoa vive simultaneamente os preconceitos ligados à idade (idadismo) e os ligados à sua identidade de gênero ou orientação sexual (LGBTfobia). Em consultórios, clínicas e instituições de longa permanência para pessoas idosas (ILPI), isso se traduz em receio de revelar quem se é, o que compromete diretamente a qualidade do cuidado recebido.

Não é incomum que pessoas idosas LGBTQIA+ que vivem em ILPI "voltem para o armário" por medo de discriminação, ou que fujam de consultas médicas por medo de represária. No Brasil, essa realidade ainda é pouco estudada, o que por si só, já diz muito. Mulheres lésbicas e bissexuais idosas enfrentam ainda a invisibilidade histórica de suas experiências. Pessoas trans com mais de 60 anos constituem, em muitos sentidos, uma população que os sistemas de saúde e de proteção social ainda não sabem como acolher adequadamente.

Mudanças entre gerações

Uma das transformações mais marcantes das últimas décadas está na diferença entre os contextos vividos por quem tem 70 anos hoje e por quem tem 20, por exemplo. São gerações que cresceram em momentos sociais diferentes, com mudanças no acesso à informação, nos espaços de diálogo e nas possibilidades de expressão da própria identidade.

Embora ainda não exista um censo nacional que permita identificar com precisão quantas pessoas LGBTQIA+ vivem no Brasil, pesquisas científicas ajudam a compreender essa realidade. Um estudo publicado por Spizzirri e colaboradores, em 2022, estimou que cerca de 12% da população adulta brasileira se identifica como LGBTQIA+, o que corresponde a aproximadamente 24 milhões de pessoas.



Sabrina Aparecida
GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP

O direito de envelhecer com orgulho.

Entre os grupos identificados no estudo, os percentuais estimados foram:

- **5,76%** pessoas assexuais;
- **2,12%** pessoas bissexuais;
- **1,37%** pessoas gays;
- **1,19%** pessoas não binárias;
- **0,93%** pessoas lésbicas;
- **0,68%** pessoas transgênero.

Esses dados reforçam uma pauta importante: a diversidade sempre fez parte da sociedade brasileira e está presente em todas as gerações. O que mudou ao longo do tempo foi a possibilidade de falar sobre essas vivências com mais abertura. As gerações mais jovens cresceram em um contexto em que o tema passou a ter mais visibilidade, permitindo que muitas pessoas se reconhecessem e se sentissem mais à vontade para expressar quem são.

Claro, isso não significa que os desafios tenham desaparecido. Ainda há preconceitos, discriminação e barreiras a serem enfrentados. No entanto, quando olhamos para o passado, é possível reconhecer os avanços conquistados. Hoje, há mais espaço para a representatividade.

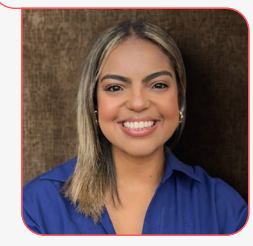
Uma pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos — organização internacional de pesquisa que analisa opiniões, comportamentos e percepções da população em diferentes países — mostrou que a Geração Z é atualmente o grupo com maior proporção de pessoas que se identificam como LGBTQIA+.

O levantamento global, realizado em 26 países, apontou que 17% das pessoas da Geração Z (nascidos entre 1996 e 2009) afirmaram fazer parte da comunidade LGBTQIA+. O número é maior quando comparado a outras gerações: 11% entre os Millennials (1978-1995), 6% na Geração X (1960-1977) e 5% entre os Baby Boomers (1945-1965).

A pesquisa também revelou diferenças na forma como cada geração percebe a diversidade. Entre a Geração Z, por exemplo,

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida
GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP

O direito de envelhecer com orgulho.

43% afirmaram apoiar uma maior presença de personalidades LGBTQIA+ na televisão, no cinema e na publicidade, enquanto esse apoio foi de 27% entre os Baby Boomers.

Outro dado importante é que a discussão sobre inclusão ainda envolve desafios. Em uma média global dos países pesquisados, 66% das pessoas reconhecem que pessoas transgênero enfrentam níveis significativos de discriminação na sociedade, e 72% defendem que pessoas trans devem ser protegidas contra discriminação no trabalho, na moradia e no acesso a serviços e espaços públicos.

Esses dados ajudam a compreender que as gerações não vivem as mesmas experiências. Enquanto pessoas idosas cresceram em períodos com menos informação e menos espaço para falar sobre diversidade, as gerações mais jovens convivem com um cenário de maior acesso ao debate e a diferentes referências.

Quando pensamos em envelhecimento, essa mudança é fundamental, pois cada pessoa envelhece a partir da sua própria história, das experiências que construiu e do contexto social em que viveu. Compreender as diferenças entre gerações nos ajuda a reconhecer que não existe uma única forma de envelhecer, mas sim velhices, no plural, marcadas por diferentes possibilidades de viver.

Em 2025, a Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo trouxe pela primeira vez o tema “Envelhecer LGBT+: Memória, Resistência e Futuro”, um marco que convida a sociedade a olhar com mais atenção para uma realidade ainda pouco discutida: a velhice de quem passou a vida inteira lutando para existir. Envelhecer é um direito de todos — e para a população LGBTQIA+, é também a prova viva de que resistir tem valido a pena. Que esse tema seja o início de uma conversa que não se encerra na Parada, mas que segue nas famílias, nas políticas públicas e nos afetos do dia a dia, construindo um futuro onde envelhecer, para cada pessoa LGBTQIA+, signifique ser lembrada, respeitada e, sobretudo, livre para continuar sendo quem sempre foi. ■

ENTREVISTA

Sociedade



Bibiana Graeff

PROFESSORA DA USP.

Há espaço para a diversidade nas ILPI?

Quais são os principais desafios enfrentados por pessoas idosas LGBTQIA+ ao ingressarem em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI)?

1/6 AUGE / BIBIANA

As pessoas idosas LGBTQIA+ podem enfrentar situações de preconceito e discriminação decorrentes de conceitos morais e religiosos que, muitas vezes, orientam a política institucional de algumas ILPI. Em vez de encontrarem acolhimento, podem se tornar alvo de agressões, exclusão e tratamento inadequado às suas necessidades.

Por que algumas pessoas idosas LGBTQIA+ deixam de expressar sua orientação sexual ou identidade de gênero dentro das ILPI?

2/6 AUGE / BIBIANA

Muitas pessoas optam por não assumir sua orientação sexual ou identidade de gênero para serem aceitas na instituição e evitar agressões verbais e físicas por parte de outros residentes, além de possíveis situações de discriminação ou atendimento inadequado por parte de funcionários.

As ILPI estão preparadas para atender às demandas da população idosa LGBTQIA+?

3/6 AUGE / BIBIANA

Ainda existem importantes desafios. Muitas instituições não reconhecem as demandas desse público, o que contribui para a ausência de mecanismos de assistência e atendimento adequados. Essa carência também se reflete na formação dos profissionais que atuam nesses serviços.

ENTREVISTA

Sociedade



Bibiana Graeff

PROFESSORA DA USP.

Há espaço para a diversidade nas ILPI?

A criação de ILPI voltadas exclusivamente para pessoas idosas LGBTQIA+ é uma proposta consensual?

4/6 AUGE BIBIANA

Não. Existem diferentes opiniões sobre essa proposta. Enquanto algumas pessoas consideram que essas instituições oferecem maior segurança contra maus-tratos e discriminação, outras acreditam que essa separação pode reforçar a ideia de segregação e defendem ambientes inclusivos para todas as pessoas.

Existem iniciativas voltadas para a criação de ILPI destinadas à população idosa LGBTQIA+ no Brasil?

5/6 AUGE BIBIANA

Atualmente, não há registro de ILPI específicas para esse público no país. Entretanto, foi apresentado um projeto de lei propondo a criação de uma instituição pública destinada às pessoas idosas LGBTQIA+ no município de São Paulo, denominada “Lar Transversal”.

O que pode contribuir para um atendimento mais adequado à população idosa LGBTQIA+ nas ILPI?

6/6 AUGE BIBIANA

É necessário que as instituições reconheçam as demandas específicas dessa população, desenvolvam mecanismos de assistência e atendimento adequados e invistam na formação dos profissionais. O fortalecimento de políticas voltadas às pessoas idosas em situação de vulnerabilidade também é apontado como um caminho importante. ■

Sobre essa entrevista

Conteúdo elaborado com base no artigo “Reflexões sobre Velhices LGBTQIA+ em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)”, de Wellington R. N. Toprelli, Thaíssa Araújo de Bessa e Bibiana Graeff (2022). Acesse na íntegra em: https://www.sescsp.org.br/wp-content/uploads/2023/02/Artigo-6.pdf

COLUNA

Longevidade



Ricardo Mucci

JORNALISTA, MESTRE EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, EXPERT EM LONGEVIDADE.

A invisibilidade da velhice LGBTQIA+.

Há uma cena que se repete em consultórios, hospitais e casas de repouso por todo o Brasil. Um idoso chega para uma consulta, é recebido por um profissional de saúde, e em algum momento da conversa - ao preencher um formulário, ao ser questionado sobre parceiro ou família - percebe que o ambiente não foi feito para ele. Que as perguntas presumem uma vida heterossexual. Que a equipe não sabe como reagir à sua realidade. E aí, silenciosamente, ele volta ao armário. Não por escolha. Por segurança.

Esse é um dos retratos mais concretos do que significa envelhecer sendo LGBTQIA+ no Brasil. Um processo que combina duas formas de invisibilidade - o etarismo, que desvaloriza e apaga os mais velhos, e a LGBTfobia, que ainda criminaliza e envergonha a diversidade - numa equação de vulnerabilidade que a sociedade ainda está muito longe de aceitar com naturalidade.

O Brasil envelhece depressa, mas o que ainda não processamos é que esse envelhecimento é plural e desigual. E a população LGBTQIA+ acima dos 60 anos carrega marcas acumuladas ao longo de uma vida inteira de negação, adaptação e resistência que não desaparecem quando os cabelos brancos. A Convenção Interamericana de Direitos Humanos dos Idosos, de 2015, reconhecia formalmente que pessoas idosas LGBTQIA+ são vítimas de discriminação múltipla, isto é, sofrem simultaneamente por mais de um eixo de exclusão, o que agrava, de forma substancial, sua vulnerabilidade.

Como analisa a geriatra Maysa Seabra Cendoroglo, do Hospital Israelita Albert Einstein, “não é comum ver idosos LGBT+ nos consultórios, e muitos fatores contribuem para essa situação: sobrevida menor em razão da violência, preconceito intenso e sistemas de saúde despreparados”. A consequência direta é uma constatação perversa: quem mais precisaria de cuidados é exatamente quem menos acessa o sistema. Nessa população, os índices de depressão, ansiedade, ideação suicida, isolamento social, declínio cognitivo precoce e abuso de substâncias são sistematicamente mais altos do que na população idosa em geral.

COLUNA

Longevidade



Ricardo Mucci

JORNALISTA, MESTRE EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, EXPERT EM LONGEVIDADE.

A invisibilidade da velhice LGBTQIA+.

Um dado publicado em artigo de 2024 no The Lancet Healthy Longevity sintetiza o cenário: pacientes LGBTQIA+ apresentam maior prevalência de problemas mentais, cognitivos, físicos e sexuais em comparação com idosos heterossexuais e cisgêneros. E esse resultado não é uma fatalidade biológica. É o resultado mensurável de décadas de preconceito, exclusão e do não acesso aos serviços de proteção social.

Existe também uma dimensão geracional específica que merece atenção. Uma parte significativa dos idosos que hoje vivem sua identidade LGBTQIA+ com mais liberdade só assumiu a opção tardiamente, depois de casamentos heterossexuais, criação de filhos, carreiras construídas sob o peso do silêncio. Laerte, renomado cartunista brasileira, iniciou sua transição de gênero aos 58 anos, já com uma trajetória profissional consolidada. Uma decisão que chocou muita gente no início, mas com o tempo foi assimilada pela sociedade, não necessariamente por unanimidade. Não é um caso isolado. É um padrão que reflete gerações inteiras que cresceram sem modelos, sem vocabulário e sem proteção para existir como de fato eram.

Para essas pessoas, o processo de “sair do armário” na maturidade é simultaneamente um ato de coragem e de incerteza. De um lado, a liberdade de viver uma identidade reprimida por décadas. De outro, a realidade concreta de enfrentar rejeição familiar, perda de vínculos construídos sob premissas que não mais se sustentam, e um sistema de saúde despreparado para recebê-los. Uma pesquisa mostrou que 86% dos entrevistados LGBTQIA+ tiveram pelo menos uma experiência negativa com atendimento médico, número que contrasta com os 77% registrados na população em geral.

A situação é ainda mais crítica para pessoas trans. A expectativa de vida média de uma pessoa trans no Brasil é de apenas 35 anos, segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra). Número que reflete violência, exclusão do mercado de trabalho, acesso precário à saúde e ausência de redes de proteção. O Brasil segue, pelo 16º ano consecutivo, sendo o país que mais assassina pessoas trans no mundo,

COLUNA

Longevidade



Ricardo Mucci

JORNALISTA, MESTRE EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, EXPERT EM LONGEVIDADE.

A invisibilidade da velhice LGBTQIA+.

segundo o dossiê da Antra de 2025. Embora tenha havido redução de 16% nos assassinatos em relação a 2023, a organização alerta que o cenário permanece carente de políticas públicas efetivas. Para quem sobrevive, envelhecer carrega, nas palavras do geriatra Milton Crenitte, "um envelhecimento mais carregado de marcas biológicas, com maior carga de doenças, psicológicas, com mais problemas de saúde mental, e sociais, com maior vulnerabilidade na velhice".

No campo da saúde sexual, os dados também são reveladores. Segundo dados do Ministério da Saúde, os casos de HIV entre pessoas acima dos 50 anos dobraram na última década. Esse crescimento reflete, entre outros fatores, a ausência de campanhas de prevenção direcionadas a idosos, como se a sexualidade na velhice fosse inexistente, e a falsa percepção de que doenças sexualmente transmissíveis são um problema exclusivo dos jovens. Entre a população LGBTQIA+ idosa, esse risco é ampliado pela combinação de menor acesso a serviços especializados, menor adesão a consultas preventivas e histórico de discriminação que afasta essa população dos sistemas de saúde. Mulheres lésbicas, por exemplo, estão muito atrás das heterossexuais em exames básicos como mamografia e Papanicolau, o que representa um atraso diagnóstico com consequências diretas sobre a saúde.

A distribuição de renda faz todo esse quadro ainda mais desigual. Idosos LGBTQIA+ com renda e suporte social conseguem, em muitos casos, construir redes alternativas de cuidado e afeto, amigos que se tornam família, comunidades que se reconstroem em torno de afinidade em vez de parentesco biológico. Mas para a maioria, especialmente nas classes mais vulneráveis, essa alternativa não existe. O número de idosos LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade salta para 41% entre os negros, evidenciando como raça, classe e identidade de gênero se somam para multiplicar as desvantagens.

Há sinais de que algo começa a mudar. O envelhecimento foi tema central das Paradas do Orgulho de diversas cidades em 2025, incluindo a de São Paulo, a maior do mundo. Organizações como a

COLUNA

Longevidade



Ricardo Mucci

JORNALISTA, MESTRE EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, EXPERT EM LONGEVIDADE.

A invisibilidade da velhice LGBTQIA+.

Eternamente SOU fundada em São Paulo em 2017, buscam acolher idosos LGBTQIA+ que enfrentam discriminação inclusive dentro da própria comunidade. O Estado avança, ainda que lentamente, na incorporação de políticas específicas para esse grupo.

Mas o ritmo não acompanha a urgência. O Brasil terá mais de 67 milhões de pessoas com 60 anos ou mais em 2050. Uma fração relevante dessa população será LGBTQIA+. E se o sistema de saúde, as famílias, as cidades e as políticas públicas não aprenderem a acolher essa diversidade, o preço a ser pago na forma de solidão, doenças e mortes, entre outras consequências evitáveis, será elevado. Envelhecer é um desafio para todos. Para quem passou a vida inteira tentando ser quem não é, o desafio é redobrado e sem garantia de que o final será feliz. ■

COLUNA

Saúde



Diego Felix Miguel

DOUTORANDO EM SAÚDE PÚBLICA (FSP-USP), MESTRE EM FILOSOFIA (EACH-USP) E ESPECIALISTA EM GERONTOLOGIA PELA SBGG. ATUA COMO DOCENTE EM PÓS-GRAUDAÇÃO EM GERONTOLOGIA E SAÚDE PÚBLICA E NA GERÊNCIA DO CONVITA – SERVIÇO DE REFERÊNCIA SOCIOASSISTENCIAL PARA PESSOAS IDOSAS IMIGRANTES ITALIANAS EM SÃO PAULO.

O limbo do cuidado: o impacto da falsa neutralidade na saúde LGBTQIA+.

"Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça?"

Paulo Freire, em "Pedagogia da Autonomia"

Desde a infância, somos inseridos em processos educacionais — formais e informais — que, na maioria das vezes, operam de forma unilateral. Desconsideram-se vivências e expressões que transgridem as normas socioculturais vigentes.

Numa sociedade que presume modelos de identidades estritamente cisgêneras e heterossexuais, a comunidade LGBTQIA+ é historicamente empurrada para o silenciamento, o estereótipo e a invisibilidade. Impõe-se a ela uma suposta "adequação" ao que o conservadorismo define como "normal".

Há décadas as ciências sociais e a saúde coletiva aprofundam as análises sobre como a diversidade sexual e de gênero é atravessada por iniquidades no acesso a serviços essenciais. Esses aspectos são agravados quando intersectados por outras determinantes sociais da saúde, como raça, classe social e geração. Viver em uma cultura machista, racista e idadista desenha uma linha abissal: um lugar hostil e invisível para as políticas públicas, onde o preconceito institucional se materializa na ponta do atendimento.

A citação de Paulo Freire que abre esta reflexão aplica-se perfeitamente ao cotidiano da saúde pública. Desde a formação universitária, profissionais de saúde são "disciplinados" a agir sob uma suposta neutralidade. Sob o pretexto de tratar a todos de forma igual, provoca-se o apagamento de identidades. A falta de preparo e de sensibilização dos profissionais impacta diretamente o acolhimento. Transforma o direito universal à saúde em uma barreira de constrangimento e medo para a população LGBTQIA+.

O acolhimento legítimo vai muito além da garantia legal do uso do nome social. Exige a compreensão do ser humano em uma perspectiva integral, superando o reducionismo biomédico para alcançar os contextos socioculturais e psíquicos da pessoa. A ausência desse olhar humanizado gera violências que nem

COLUNA

Saúde



Diego Felix Miguel

DOUTORANDO EM SAÚDE PÚBLICA (FSP-USP), MESTRE EM FILOSOFIA (EACH-USP) E ESPECIALISTA EM GERONTOLOGIA PELA SBGG. ATUA COMO DOCENTE EM PÓS-GRAUDAÇÃO EM GERONTOLOGIA E SAÚDE PÚBLICA E NA GERÊNCIA DO CONVITA – SERVIÇO DE REFERÊNCIA SOCIOASSISTENCIAL PARA PESSOAS IDOSAS IMIGRANTES ITALIANAS EM SÃO PAULO.

O limbo do cuidado: o impacto da falsa neutralidade na saúde LGBTQIA+.

sempre são explícitas. Vemos isso na humilhação que pessoas transgêneras e travestis sofrem ao ocupar leitos hospitalares em alas incompatíveis com suas identidades de gênero.

Esse cenário atinge seu ápice de crueza na velhice. As velhices LGBTQIA+ habitam um limbo: enfrentam um processo de envelhecimento marcado por uma vida inteira de violações e, ao demandarem cuidados de longa duração, deparam-se com serviços totalmente despreparados. Muitas pessoas idosas transgêneras são condicionadas a "destransicionar" de gênero ou a voltar para o armário para serem aceitas em instituições de longa permanência para idosos (ILPIs). Assim como, pessoas idosas homossexuais têm sua história silenciada e sofrem retaliação com o mínimo de manifestação afetiva.

As pessoas idosas LGBTQIA+ são duplamente invisibilizadas: por uma comunidade LGBTQIA+ que ainda idolatra a juventude eterna e por uma gerontologia tradicional que frequentemente desconsidera as dissidências de gênero e sexualidade.

A capacitação e o letramento em diversidade são urgentes para que o ato terapêutico vá além do cumprimento de protocolos frios e se torne um encontro afetivo — no sentido de permitir-se afetar pela história, pelas vulnerabilidades e pelo contexto social da outra pessoa.

Sabemos que transformar a cultura de todos os serviços de saúde levará tempo, e a população idosa LGBTQIA+ de hoje tem pressa. Países como Estados Unidos, Austrália, Canadá e Espanha já apontam caminhos com a criação de serviços habitacionais e de saúde específicos para esse público.

Longe de ser uma discussão rasa pautada a partir de lugares de privilégio cisheteronormativos, debater o acesso à saúde exige representatividade. As pessoas LGBTQIA+, especialmente as mais velhas, precisam ocupar o protagonismo na estruturação de políticas públicas, protocolos e formação profissional. Só assim exercerão seu legado de transformação social.

Fica a provocação: estamos realmente dispostos a abrir mão de nossas supostas neutralidades para nos tornarmos aliados legítimos dessa transformação? Até onde nossa atuação profissional e pessoal tem contribuído para romper as fissuras do preconceito? ■

COLUNA

Experiência



Fernando Adas

PUBLICITÁRIO (E QUASE PSICÓLOGO)
ESPECIALISTA EM ANÁLISE DE COMPORTAMENTOS.
ACREDITA QUE O VENTO NOS MOVE E FORTALECE, DESDE QUE SAIBAMOS APROVEITAR SUA MELHOR DIREÇÃO.

Caminhando contra o vento, com lenço e com documento.

Houve um tempo em que muitos homens gays aprenderam a se esconder, antes mesmo de aprender a amar. Quem nasceu nos anos 60 cresceu em um Brasil onde a diferença raramente era celebrada e frequentemente era silenciada.

Nos anos 70, enquanto o mundo parecia pedir conformidade, muitos adolescentes carregavam perguntas que não podiam fazer em voz alta. Havia o medo de decepcionar, de ser rejeitado, de perder o pertencimento. E não existe solidão maior do que aquela vivida no meio de uma multidão.

Os anos 80 chegaram trazendo liberdade para alguns, mas também novas dúvidas. Como amar? Como desejar? Como construir uma vida afetiva quando faltavam referências positivas? Para muitos homens gays daquela geração, a iniciação amorosa e sexual veio acompanhada de insegurança, culpa e incerteza. Não era apenas uma descoberta do outro, mas uma tentativa de encontrar a si mesmo. Ainda assim, a vida tem uma curiosa vocação para abrir frestas onde antes só havia paredes.

Alguns encontraram acolhimento na família. Outros, nos amigos. Muitos descobriram na universidade, no trabalho e nos vínculos construídos ao longo dos anos, um espaço onde suas capacidades falavam mais alto do que seus medos. Aos poucos, aquilo que parecia uma identidade fragmentada começou a ganhar unidade. Não porque desapareceram os preconceitos, mas porque nasceu algo mais forte: a convicção de que a própria existência não precisava de justificativa.

O psicólogo Erik Erikson observou que a maturidade traz um desafio precioso: integrar a própria história em vez de lutar contra ela. Na velhice, segundo ele, a tarefa é alcançar a integridade do ego, isto é, olhar para trás e reconhecer sentido no caminho percorrido. Para muitos homens gays, essa integração possui um sabor especial: ela inclui não apenas as conquistas profissionais e afetivas, mas também a reconciliação com partes de si que um dia precisaram permanecer ocultas.

Essa trajetória costuma desenvolver habilidades psicossociais valiosas. A primeira delas é a empatia. Quem já se sentiu diferente reconhece com mais facilidade a dor da exclusão nos outros.

COLUNA

Experiência



Fernando Adas

PUBLICITÁRIO (E QUASE PSICÓLOGO)
ESPECIALISTA EM ANÁLISE DE COMPORTAMENTOS.
ACREDITA QUE O VENTO NOS MOVE E FORTALECE, DESDE QUE SAIBAMOS APROVEITAR SUA MELHOR DIREÇÃO.

Caminhando contra o vento, com lenço e com documento.

A segunda é a resiliência. Aprender a sobreviver emocionalmente em ambientes nem sempre acolhedores, fortalece recursos internos que permanecem por toda a vida.

Há também uma notável capacidade de autoconhecimento. Enquanto muitas pessoas passam décadas reproduzindo expectativas alheias, quem precisou questionar normas e convenções frequentemente desenvolve um olhar mais profundo sobre seus próprios desejos, limites e valores. O sociólogo Anthony Giddens descreveu a identidade contemporânea como um projeto reflexivo, algo que construímos continuamente. Poucas pessoas conhecem tão bem esse processo quanto aquelas que precisaram reivindicar o direito de serem elas mesmas.

Outra habilidade importante é a construção de redes afetivas. O sociólogo Robert Putnam mostrou como os vínculos sociais constituem um importante capital para o bem-estar humano. Muitas pessoas LGBTQIA+ aprenderam isso na prática: descobriram que família não é apenas quem compartilha nosso sobrenome, mas também quem compartilha nossa humanidade. Amigos tornam-se irmãos escolhidos. Colegas transformam-se em portos seguros. O afeto deixa de ser apenas um sentimento e passa a ser uma prática cotidiana de cuidado mútuo.

E talvez exista uma habilidade ainda mais preciosa: a autenticidade. Depois de tantos anos tentando caber em moldes estreitos, chega um momento em que a pessoa compreende que viver não é representar um papel, mas ocupar o próprio lugar.

O psicólogo Carl Rogers acreditava que a saúde emocional floresce quando nos aproximamos de nossa experiência genuína. É um processo de tornar-se quem se é. Simples na teoria, revolucionário na prática.

O envelhecimento também pode trazer uma liberdade inesperada. O sociólogo Norbert Elias observou que a velhice nos convida a rever a relação entre indivíduo e sociedade. Muitos idosos descobrem que já não precisam gastar tanta energia tentando corresponder às expectativas dos outros. Surge uma espécie de elegância emocional: a capacidade de escolher quais batalhas merecem ser travadas e quais já podem ser deixadas para trás.

COLUNA

Experiência



Fernando Adas

PUBLICITÁRIO (E QUASE PSICÓLOGO)
ESPECIALISTA EM ANÁLISE DE COMPORTAMENTOS.
ACREDITA QUE O VENTO NOS MOVE E FORTALECE, DESDE QUE SAIBAMOS APROVEITAR SUA MELHOR DIREÇÃO.

Caminhando contra o vento, com lenço e com documento.

Foi justamente contra os estereótipos negativos associados à velhice que o gerontólogo e psiquiatra Robert N. Butler desenvolveu seus estudos. Butler defendia que o envelhecimento não deveria ser compreendido apenas pelas perdas, mas também pelas possibilidades de desenvolvimento, participação social e realização pessoal. Sua visão ajuda a compreender que chegar à velhice sendo um homem gay não significa carregar apenas as marcas das dificuldades enfrentadas, mas também colher os frutos da coragem, da autonomia e dos vínculos construídos ao longo da vida.

Por sua vez, Simone de Beauvoir chamou a atenção para o fato de que envelhecer é também uma experiência social. A sociedade costuma atribuir lugares e expectativas aos idosos, muitas vezes tornando-os invisíveis. Quando se trata de pessoas LGBTQIA+, essa invisibilidade pode ser ainda mais intensa, pois frequentemente suas histórias afetivas e familiares permanecem ausentes das narrativas tradicionais sobre o envelhecimento. No entanto, Beauvoir também nos ajuda a perceber que cada biografia possui uma singularidade que resiste aos rótulos. Há algo profundamente libertador em continuar escrevendo a própria história quando muitos acreditam que ela já deveria ter terminado.

Quando um homem gay chega à velhice carregando sua história, seus amores, suas perdas, seus amigos e suas conquistas, ele se torna testemunha de algo extraordinário: a mudança é possível. Sua própria vida é prova disso. O menino que um dia teve medo de ser visto tornou-se o homem que aprendeu a se reconhecer.

Para quem ainda está no início dessa jornada, vale lembrar que a identidade não floresce de uma vez. Ela se constrói aos poucos, como um jardim. Algumas sementes demoram mais para brotar. Algumas estações parecem longas demais. Mas a vida tem o hábito de surpreender aqueles que continuam caminhando.

Se hoje existe dúvida, ela não será eterna. Se hoje existe medo, ele não definirá o futuro. E se hoje existe solidão, saiba que há inúmeras pessoas que já atravessaram essa mesma estrada e descobriram, do outro lado, amizade, amor, pertencimento e paz.

COLUNA

Experiência



Fernando Adas

PUBLICITÁRIO (E QUASE PSICÓLOGO)
ESPECIALISTA EM ANÁLISE DE COMPORTAMENTOS.
ACREDITA QUE O VENTO NOS MOVE E FORTALECE, DESDE QUE SAIBAMOS APROVEITAR SUA MELHOR DIREÇÃO.

Caminhando contra o vento, com lenço e com documento.

A esperança não é acreditar que tudo será fácil. A esperança é saber que, mesmo quando o caminho parece difícil, a história ainda não terminou. E talvez a maior vitória de quem percorreu essa trajetória seja justamente esta: olhar para trás sem vergonha, olhar para dentro sem medo e olhar para frente sem desistir.

Afinal, envelhecer não é apenas acumular anos. É acumular verdade. E poucas conquistas são tão belas quanto chegar a essa etapa da vida podendo dizer: “eu vivi a minha vida, e não a que esperavam de mim”. ■

Referências

BEAUVOIR, Simone de. A Velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BUTLER, Robert N. Why Survive? Being Old in America. New York: Harper & Row, 1975.

ELIAS, Norbert. A Solidão dos Moribundos. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ERIKSON, Erik H. Infância e Sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PUTNAM, Robert D. Comunidade e Democracia: A Experiência da Itália Moderna. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ROGERS, Carl. Tornar-se Pessoa. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COLUNA

Envelhecimento



Henrique Salmazo

PROFESSOR DA USP.

Projeto vivacidade: envelhecimento LGBTQIA+, saúde e orgulho.

A perspectiva de envelhecer na comunidade LGBT+ brasileira é relativamente recente, e paradoxalmente, embora represente um ganho social, é também o maior desafio enfrentado por essa comunidade. As razões para isso incluem as vulnerabilidades acumuladas ao longo do curso de vida e que impactam diretamente a vivência da velhice, incluindo exclusão social, discriminação e barreiras de acesso aos serviços de saúde, à educação e ao mercado de trabalho. Isso faz com que muitas pessoas LGBT+ alcancem a velhice com piores condições de saúde física e mental, e com menores condições de acesso a bens e serviços.

A violência, enfrentada por muitas pessoas LGBT+, atinge níveis alarmantes mesmo após a criminalização da homofobia e da transfobia outorgada pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O Brasil é o país que mais mata pessoas Trans no mundo, o que ajuda a explicar, por exemplo, o fato da expectativa das mulheres trans ser ao redor dos 35 anos. Isso significa que se uma mulher trans ultrapassa a sua expectativa de vida, já poderia ser considerada longeva.

O envelhecimento, portanto, é mais uma camada na análise interseccional de como a pessoa LGBT+ vivencia a passagem do tempo. Idade, identidade de gênero, etnia, classe social, orientação sexual, localidade de nascimento, profissão e escolaridade comporiam uma complexa relação de como a pessoa LGBT+ pode vivenciar a passagem do tempo. Destaca-se nesse processo a possibilidade da pessoa madura e longeva LGBT+ sofrer discriminação da sociedade, dos seus pares LGBT+ e de vir a internalizar a discriminação, levando a uma aspiral crescente de isolamento social. Trata-se, portanto, de uma tripla discriminação, agenciada pela sociedade, por seus pares e por si mesmo.

Estudos epidemiológicos sobre as pessoas mais velhas LGBT+ são desenvolvidos majoritariamente em países europeus e norte-americanos, com início nos anos 2000. O maior estudo em andamento, “Aging with Pride”, com início em 2009, arrolou 2500 pessoas LGB+ 50+ de 11 localidades e apresentou achados consistentes sobre fatores de risco e proteção à saúde. Segundo os achados apresentados, pelo menos 82% dos participantes já sofreram algum tipo de discriminação ou violência em função da

COLUNA

Envelhecimento



Henrique Salmazo

PROFESSOR DA USP.

Projeto vivacidade: envelhecimento LGBTQIA+, saúde e orgulho.

sua identidade de gênero e ou orientação sexual ao longo do curso de vida; e 64% três ou mais episódios.

Pessoas LGB+ apresentam pior saúde percebida, menor desempenho funcional e mais doenças crônicas do que pessoas heterossexuais do mesmo grupo etário. Por outro lado, o estudo documentou como fatores de proteção à saúde mental das pessoas LGB+ 50+ fatores como atividades físicas e de lazer, não usar substâncias recreativas, renda e ser do sexo masculino. Outros componentes incluem tamanho e diversidade da rede de relações; suporte social; percepção de controle sobre a vida e resiliência.

No Brasil não há estudos abrangentes sobre o perfil de saúde das pessoas maduras e idosas LGBT+. Nesse contexto, o objetivo do "Projeto Vivacidade e Envelhecer com Orgulho: oficinas sobre saúde, diversidade e intergeracionalidade a pessoas LGBTQIA+" é investigar o bem-estar, saúde e qualidade de vida de pessoas idosas LGBTQIA+ residentes em Brasília/DF, São Paulo/SP e João Pessoa/PB; bem como criar espaços de acolhimento, encontro, educação e apoio intergeracional por meio de oficinas para pessoas idosas LGBTQIA+ e de encontros intergeracionais.



Imagem: Divulgação

COLUNA

Envelhecimento



Henrique Salmazo

PROFESSOR DA USP.

Projeto vivacidade: envelhecimento LGBTQIA+, saúde e orgulho.

O estudo é coordenado pelo Prof. Dr. Henrique Salmazo da Silva do Bacharelado e Pós-graduação em Gerontologia da USP, em parceria com a Profa. Dra. Beatriz A. O. Gutierrez (USP), Profa. Dra. Maria Liz Cunha de Oliveira (Universidade Católica de Brasília) e Prof. Dr. José Manuel Peixoto Caldas (Universidade Federal da Paraíba), com apoio do Edital Universal 2023 do CNPq.

As três localidades do estudo foram escolhidas por apresentar diferentes panoramas de envelhecimento e velhice, permitindo um mapeamento mais abrangente da população idosa LGBT+ no Brasil. Em Brasília 3,8% da população adulta se identifica como LGBT+, ao passo que São Paulo, berço das políticas LGBT+ no Brasil, é um importante polo do movimento. João Pessoa, por sua vez, é a décima capital brasileira com maior percentual de homossexuais e bissexuais autodeclarados, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) do IBGE em 2019.

O estudo, iniciado ao final de 2024, já conta com 108 voluntários. Os grupos de acolhimento, educação e apoio intergeracional ocorrem no contexto da USP 60+. Até o momento já foram desenvolvidos três grupos, e almeja-se a oferta de mais encontros no segundo semestre de 2026 e primeiro semestre de 2027.

Os temas trabalhados envolvem saúde, bem-estar, participação social, pertencimento, acolhimento e resiliência das pessoas LGBT+. A dimensão intergeracional possibilita fomentar espaços de desenvolvimento e reflexão entre pessoas LGBT+ de diferentes gerações, de forma a eliciar grupos de encontro. Para participar dos encontros é necessário se inscrever na oficina do Programa USP60+ EACH:

Contudo, independente da participação nas oficinas, se você é ou conhece um(a) leitor(a) pessoa 50+ LGB ou pessoa 40+ T e reside

COLUNA

Envelhecimento



Henrique Salmazo

PROFESSOR DA USP.

Projeto vivacidade: envelhecimento LGBTQIA+, saúde e orgulho.

em São Paulo/SP, Brasília/DF e João Pessoa/PB poderá participar e ou compartilhar a pesquisa. Para participar os(as) interessados deverão preencher os formulários disponíveis abaixo:

PROJETO VIVACIDADE
LGB 50+ e T 40+

FORMULÁRIO 1ª ETAPA

clique para acessar

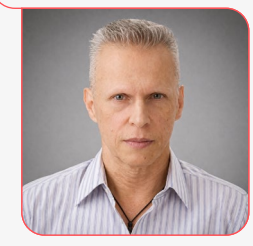
FORMULÁRIO 2ª ETAPA

clique para acessar

Os dados coletados pelo Projeto terão aplicação prática na proposição de políticas públicas e serviços que atendam às demandas da população. Espera-se, assim, contribuir para o bem-estar e possibilidades mais promissoras de envelhecimento às pessoas LGBT+. ■

CAMPANHA

Solidariedade



Luís Baron

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ETERNAMENTE SOU.

VELHO AMIGO

Quando o silêncio também envelhece: as violências invisíveis contra pessoas idosas LGBT+.

O envelhecimento também é diverso

Quando falamos sobre envelhecimento, frequentemente imaginamos uma experiência única e homogênea. Mas a realidade é muito diferente. As velhices são múltiplas, diversas e atravessadas por histórias, identidades e trajetórias distintas.

Entre essas experiências estão as pessoas idosas LGBT+, que ao longo da vida enfrentaram preconceitos relacionados à orientação sexual e identidade de gênero e que, ao envelhecer, passam a conviver também com o idadismo — o preconceito contra a idade.

Durante o Junho Violeta, mês dedicado à conscientização e ao combate à violência contra a pessoa idosa, é fundamental ampliar o olhar para formas de violência que muitas vezes permanecem invisíveis.

A violência que começa no apagamento

A sexualidade acompanha o ser humano durante toda a vida. No entanto, quando o assunto é velhice, ela costuma ser tratada como algo inexistente.

Esse apagamento é uma forma de violência. Ele acontece quando a sociedade ignora que pessoas idosas continuam tendo afetos, desejos, relacionamentos, identidades e projetos de vida.

Quando falamos de pessoas LGBT+, esse processo se torna ainda mais intenso. O preconceito faz com que muitas delas sintam que precisam esconder quem são para serem aceitas, respeitadas ou cuidadas.

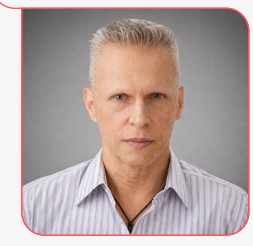
O silêncio imposto sobre essas vivências não protege. Pelo contrário: ele invisibiliza direitos, dificulta o acesso a serviços e reforça situações de exclusão.

O peso de múltiplos preconceitos

Envelhecer sendo LGBT+ significa, muitas vezes, enfrentar camadas sucessivas de discriminação. Ao preconceito relacionado à idade

CAMPANHA

Solidariedade



Luís Baron

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ETERNAMENTE SOU.

VELHO AMIGO

Quando o silêncio também envelhece: as violências invisíveis contra pessoas idosas LGBT+.

somam-se a homofobia, a transfobia e os estereótipos construídos ao longo de décadas. Essa combinação amplia vulnerabilidades e pode resultar em isolamento social, sofrimento emocional, exclusão familiar e dificuldades de acesso a espaços de acolhimento.

Em muitos casos, pessoas idosas LGBT+ relatam a necessidade de "voltar para o armário" quando passam a depender de serviços de cuidado, instituições ou até mesmo de familiares.

Imagine precisar esconder sua própria história para ter acesso ao cuidado. Essa é uma violência silenciosa que afeta a dignidade e o direito de existir plenamente.

Quando o cuidado não reconhece a diversidade

Um dos grandes desafios está na construção de serviços preparados para acolher todas as pessoas idosas com respeito e dignidade.

Ainda são escassas as campanhas voltadas à saúde sexual na velhice, os espaços de escuta qualificada e as políticas que reconheçam as especificidades da população LGBT+ 60+.

Quando as necessidades de um grupo são ignoradas, estamos diante de uma forma de exclusão institucional.

Por isso, combater a violência contra pessoas idosas também significa promover ambientes seguros, inclusivos e livres de preconceito.

Junho Violeta 2026: o silêncio não protege

O tema da campanha Junho Violeta 2026 nos convida a uma reflexão necessária: **"Silêncio. Uma escolha que não protege."**

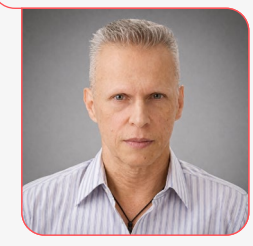
Silenciar diante do preconceito não protege.

Silenciar diante da discriminação não protege.

Silenciar diante das violências vividas por pessoas idosas LGBT+ não protege.

CAMPANHA

Solidariedade



Luís Baron

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ETERNAMENTE SOU.

VELHO AMIGO

MANIFESTO

clique para acessar

Quando o silêncio também envelhece: as violências invisíveis contra pessoas idosas LGBT+.

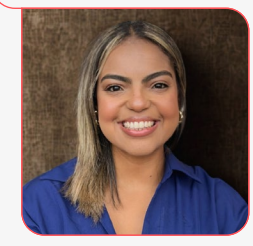
A proteção começa quando enxergamos todas as velhices, reconhecemos suas singularidades e garantimos que ninguém precise abrir mão da própria identidade para ser respeitado.

Construir uma sociedade verdadeiramente inclusiva exige coragem para falar sobre aquilo que muitas vezes foi escondido por décadas. Porque toda pessoa tem o direito de envelhecer sendo quem é. ■



RECOMENDAÇÃO

Iniciativas



Sabrina Aparecida
GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP

O alimento da alma.

Imagine o aroma de ervas frescas cultivadas na horta, o encontro entre diferentes gerações e a troca de conhecimentos sobre alimentação saudável. Essa é a proposta de uma iniciativa intergeracional da **Casa Ondina Lobo** que utiliza a gastronomia como ferramenta de educação, promoção da saúde e incentivo à alimentação adequada, especialmente para pessoas que vivem em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI).



Imagem: Divulgação

Projeto Gastronômico 2.0

Voltado à educação alimentar de pessoas idosas em situação de vulnerabilidade social, o projeto promove oficinas que ensinam práticas simples e acessíveis para uma alimentação mais saudável. Entre os temas abordados estão o aproveitamento integral dos alimentos, a redução do desperdício e a hortoterapia, que estimula o cultivo e o cuidado com hortas como forma de promover bem-estar.

A iniciativa também investe na capacitação de profissionais que atuam em instituições parceiras, ampliando o alcance das ações e fortalecendo a disseminação de conhecimentos sobre alimentação, cuidado e sustentabilidade.

Para alcançar ainda mais pessoas, o projeto disponibiliza videoaulas gratuitas no YouTube, tornando esse conteúdo acessível em diferentes regiões do país. ■

ACOMPANHE O PROJETO

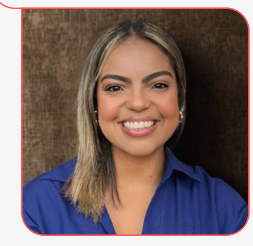
Instagram

ASSISTA

Vídeoaulas

DICA

Minissérie



Sabrina Aparecida
GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP

LGBT+60: corpos que resistem.

Criada pelo jornalista e roteirista Yuri Alves Fernandes, esta minissérie é um convite necessário, de olhar para a velhice LGBT+ brasileira com a atenção e o respeito que ela merece. Em cada episódio, pessoas idosas compartilham suas histórias de amor, coragem, dor, resistência e pertencimento, e revelam trajetórias que por décadas permaneceram invisíveis ao debate público.

A série percorre temas como homoafetividade, vivências de mulheres trans, adoção por casais do mesmo sexo e os desafios cotidianos de envelhecer sendo quem se é numa sociedade que ainda aprende a acolher a diversidade. Mais do que um documentário, é um espelho: mostra que existem muitas formas de envelhecer, e que todas elas merecem ser vistas, celebradas e protegidas.

Para quem trabalha com envelhecimento, cuida de pessoas idosas ou simplesmente acredita que toda vida tem uma história que vale ser contada — esta série é leitura obrigatória em imagens. ■



IMAGEM: DIVULGAÇÃO

Onde assistir:

globoplay
Globo Play
Clique aqui para acessar

NEWSLETTER
AUGE
iFRACTAL

Expediente

PUBLICAÇÃO:
iFractal Tecnologia Para Ser Humano

EDITOR-CHEFE E JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Caio Carraro Gomes da Costa - 0091381/SP

CONSELHO EDITORIAL (GERONTOLOGIA):
Ruth Caldeira de Melo

COLUNISTA (GERONTOLOGIA):
Sabrina Aparecida da Silva

CONSELHO EDITORIAL (GESTÃO DE RH):
Flávia Lobo

CONSELHO EDITORIAL (TECNOLOGIA):
Felipe Waltrick

COLUNISTA (LONGEVIDADE):
Ricardo Mucci

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL:
Bibiana Graeff

COLUNISTA (SAÚDE):
Diego Felix Miguel

COLUNISTA (EXPERIÊNCIA):
Fernando Adas

COLUNISTA (ENVELHECIMENTO):
Henrique Salmazo

CAMPANHA (SOLIDARIEDADE):
Luís Baron

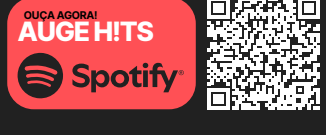
EDIÇÃO DE ARTE E DESIGN:
Caio Carraro Gomes da Costa

BANCO DE IMAGENS:
Gemini e USP Imagens

DISTRIBUIÇÃO:
Gratuita

CONTATO:
auge@ifractal.com.br

@auge_ifractal



A newsletter AUGE é uma iniciativa de comunicação da iFractal® Desenvolvimento de Software Ltda., criada com o propósito de estabelecer um canal gratuito de informação, com curadoria especializada em conteúdos intergeracionais de relevância social e interesse público. As entrevistas publicadas são cedidas com exclusividade e divulgadas na íntegra, sem qualquer alteração, edição ou adaptação do texto original, sendo seu conteúdo de inteira responsabilidade de seus respectivos autores. As opiniões expressas não refletem, necessariamente, o posicionamento institucional da newsletter AUGE ou da iFractal®. A distribuição do arquivo digital, em formato PDF, é livre e permitida, desde que o material não seja alterado, manipulado, editado ou utilizado fora de seu contexto original. A reprodução parcial desta publicação é autorizada, desde que a fonte seja devidamente citada e os autores corretamente creditados. É expressamente proibida a comercialização, bem como qualquer forma de distribuição condicionada ou vinculada a contrapartida financeira, seja em meio digital, eletrônico ou impresso. Eventuais menções a marcas, produtos ou empresas têm caráter exclusivamente informativo e não configuram, em hipótese alguma, vínculo comercial, publicitário ou institucional.

COPYRIGHT © 2026 IFRACTAL® DESENVOLVIMENTO DE SOFTWARE LTDA. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.